

# Natureza morta

Desmatamento ameaça araucárias de extinção

Na contramão da expectativa mundial quanto à preservação da natureza nesse final de século e, mesmo, da política federal para o meio ambiente, é muito provável que a Floresta de Araucárias, uma das preciosidades da flora brasileira, esteja quase totalmente dizimada na virada do milênio.

Encravada no coração da região Sul-Sudeste, o que outrora fora uma reserva natural, tendo como limites a própria natureza, transformou-se com a desenfreada devastação ao longo dos anos num mingauado e heróico reduto. Uma pequena floresta que sobrevive assim mesmo porque é impossível ao homem chegar aos terrenos íngremes e também porque grande parte dela está hoje situada em terras particulares.

Madeira brasileira mais exportada nos últimos 70 anos, a araucária, cujo pinheiro foi batizado com o sugestivo nome científico de *Araucária angustifolia*, assumiu a condição de raridade. É o que demonstram os parcos levantamentos oficiais sobre sua presença ainda na mata nativa.

Um estudo oficial publicado no Rio de Janeiro, em 1917, portanto há 74 anos, informava que era de 80 milhões de hectares a área total coberta pelo pinheiro nas duas regiões do país, de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul. O relatório demonstrava também que o Paraná possuía frondosa área de 40 milhões de hectares.

Apenas treze anos depois deste trabalho, os dados eram reveladores. A área total havia sido reduzida à metade. Hoje é praticamente impossível catalogar as áreas que ainda mantêm uma parte da floresta. De todos os Estados, apenas o Paraná, através da Fundação Araucária, consegue fazer uma estimativa a respeito. Os dados, contudo, não são animadores. Acredita-se que reste ao Estado apenas 150 000 hectares de mata nativa, dos quais apenas 5 250 estão protegidos por lei. O diretor da fundação, com sede em Curitiba, engenheiro florestal Francisco Gubert Filho, faz um alerta mais grave: "Se nada for feito, correremos o risco de em alguns anos termos destruído antes o ecossistema da araucária", explica.

Criada no ano passado, a Fundação Araucária trabalha pela conservação das matas nos três Estados do Sul. É uma tentativa de evitar que uma sombria previsão torne-se real: de que até o ano 2000 os redutos de floresta de araucárias estejam definitivamente extintos.

Se a ameaça de Gubert Filho se confirmar, será preciso recompor todo o ecossistema para só depois fazer o replantio da araucária, o que, naturalmente, implica em mais dificuldades e maior gasto do governo. De um governo que pelo menos seja mais severo em sua intenção de "proteger a mata nativa do país".



Propriedade rural abriga o que restou da espécie

Curitiba, no sudoeste do Estado. Lá essa espécie vegetal só é preservada porque a Justiça ainda não se pronunciou acerca do litígio sobre 5 000 hectares, que envolve índios caingangue e guarani e proprietários da Madeira Slaviero. Trata-se da maior concentração de araucárias do país.

A mais recente decisão em prejuízo da araucária e ecossistema vem de São Paulo. Pioneira no reflorestamento da araucária, a Companhia

Melhoramentos da capital paulista deixou de produzir papel industrial. Com a mudança da tecnologia, perdeu o interesse na araucária.

O diretor de planejamento da companhia, Murilo Roberto de Araújo, explica que a araucária tem a melhor fibra para o fabrico do papel, mas é madeira muito nobre para os produtos da linha da empresa. Em decorrência dessa decisão, os 1 100 hectares da espécie plantados pela empresa em fazendas de São Paulo e Minas Gerais serão cortados e substituídos por espécies exóticas, mais apropriadas à nova tecnologia. Ficarão

em pé somente as primeiras árvores, plantadas em Caieiras, na zona metropolitana de São Paulo.

"DEUS PERDOA TODOS OS pecadores, mas a natureza não perdoa os homens." Foi com esse princípio que o agricultor e madeireiro Leonardo Czelusniak, 63 anos, tornou imunes de corte 2 000 araucárias de sua propriedade — algumas com mais de 300 anos de idade —, em Palmeiras e Teixeira Soares, a 100 quilômetros de Curitiba, no sul do Paraná.

Além da proteção particular, as árvores passaram a ser protegidas por leis municipais. Czelusniak agora trabalha com prefeito e vereadores por um novo decreto que ajude a perpetuar sua vontade, uma vez que não confia totalmente nas atuais leis municipais, passíveis de revogação por seus herdeiros. "Meus filhos concordam comigo, mas não posso deixar nas mãos deles uma responsabilidade tão grande", diz o neto de polonezes colonizadores. "A vida me fez enxergar que somos somente passageiros aqui na terra e por isso não temos o direito de destruir nada."

O desenvolvimento da araucária de prova é outra tentativa de salvar a espécie. Produzida em laboratório, essa espécie pode ter a ajuda que evite sua extinção. A Universidade Federal do Paraná tem conseguido bons resultados com mudas in vitro, mas o preço ainda é alto para as reflorestadoras e para entidades ambientalistas.

Atenta à necessidade de manter a diversidade genética nos pinheirais que restam, no entanto, a Fundação Araucária mantém um projeto com o Centro Nacional de Pesquisas de Florestas. "Queremos multiplicar as mudas mantendo a diversidade genética e, paralelamente, encontrar a melhor forma de manejar as áreas remanescentes, buscando preservar e não apenas trazer dividendo ao parque industrial", afirma a coordenadora do projeto, Ingrid Peters Robinson. Ela espera formar um banco de sementes e chegar a um método de combinação genética entre árvores jovens e velhas, o mais próximo possível do que ocorre nas matas nativas. Pode ser a opção que resta para evitar a última alternativa: a engenharia genética e um tubo de ensaio.

CARMEM BARCELOS, LILIANA LAVORATTI E LIANA JOHN (AE)

Exploração da madeira: falta de um controle que permita a fiscalização eficiente das concessões de licenças

Nada está sendo feito hoje, por exemplo, para demarcar reservas, nem se tem notícia de investimentos que garantam a vida da espécie. Uma alternativa no momento é tornar efetivo o projeto da Fundação Araucária, interessada basicamente em resgatar a biodiversidade da floresta — o conjunto de espécies vegetais e animais associado à cultura do pinheiro. O projeto prevê a criação de um parque estadual com 1 000 hectares e a transferência de todas as áreas públicas com araucária, para conservação, ao Instituto de Terras, Cartografia e Florestas, ITCF. Pelo projeto da fundação, também seria necessário desapropriar áreas de tamanhos entre 500 e 1 000 hectares para a criação de reservas biológicas e de 30 a 300 hectares para "refúgios" de vida silvestre, explica o engenheiro.

UM ENTRAVE À EXECUÇÃO plena do projeto é que a maioria das araucárias, valorizada pela escassez da madeira, está situada hoje em terras particulares. Essas terras teriam de ser indenizadas em valor calculado hoje em 15 milhões de dólares por hectare. Um preço alto, considerando que o valor da terra em si seria de 300 000 dólares.

Fábrica de papel da Companhia Melhoramentos de São Paulo: corte de 1 100 hectares de mata nativa

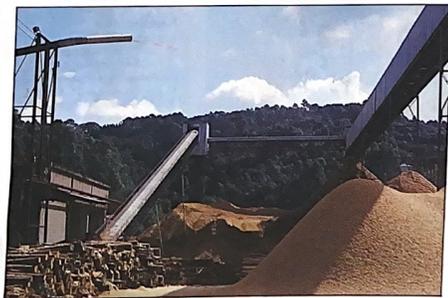
VEJA PARANÁ, 26 DE JUNHO, 1991

A avaliação de que se trata de um entrave é justa. Ao menos se considerar que a Constituição Estadual do Paraná, por exemplo, estabelece para 1993 o prazo limite para a implantação do parque e consequentes desapropriações. "É uma dívida que o Paraná tem com essa floresta, responsável por muitas fortunas", enfatiza Gubert.

Enquanto nada é feito para deter a derrubada das árvores, madeireiros continuam de motosserras em punho solicitando licenças para derrubar áreas de araucária nativa. O representante do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Ibama, no Paraná, Antônio Nunes de Mello, não tem um controle minucioso sobre os relatórios registrando a concessão das licenças. Alega falta de funcionários. Particularmente não compartilha da opinião dos que prevêm o fim dos pinheirais. "Os madeireiros estão substituindo a araucária pelo pinus", avalia candidamente, já que a realidade parece contradizê-lo. O preço para exportação do metro cúbico da araucária está cotado hoje a 500 dólares e o pinus a 100 dólares. No mercado interno, a diferença também é significativa — 240/60 dólares.

A diferença entre a araucária e o pinus na preferência dos responsáveis pela devastação pode ser medida observando-se a situação da reserva indígena de Magueirinha, a 340 quilômetros de

VEJA PARANÁ, 26 DE JUNHO, 1991



Fábrica de papel da Companhia Melhoramentos de São Paulo: corte de 1 100 hectares de mata nativa

VEJA PARANÁ, 26 DE JUNHO, 1991